

## *Com quantas cores se faz uma favela?*

DE SOUZA, MARCOS ALVITO PEREIRA AS CORES DE ACARI: uma favela carioca. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.

Marcelo Badaró Mattos \*

Poucos livros acadêmicos surgem em momento tão apropriado quanto este estudo da(s) favela(s) carioca(s) de Acari. Nas semanas que se seguiram ao seu lançamento (em julho de 2001), foram divulgados os dados sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região metropolitana do Rio de Janeiro e Acari despontou como a área de indicadores mais negativos da pesquisa. Pobreza extrema que seria visível logo a seguir, quando um incêndio em armazém do entreposto comercial de gêneros da CEASA, vizinho a Acari, levou os moradores da região a escavarem as cinzas dos escombros em busca de alimentos. Cena exibida nos mesmos telejornais que, dias depois, fizeram estardalhaço com reportagens sobre feiras de comércio de drogas em favelas cariocas, seguidas de debate público, em que surgiram posições como a de um oficial comandante da Polícia Militar, que chegou a declarar que o problema das drogas se devia às pessoas que cheiravam muito, fumavam muito e se picavam muito, pregando a prisão dos usuários como solução.

A oportunidade social do livro explica, parcialmente, o espaço que a grande imprensa concedeu ao trabalho e a seu autor. Mas isto diz pouco sobre a qualidade da obra em si. Ler *As cores de Acari* é um prazer, pela oportunidade para tomar contato com o resultado de uma pesquisa original recente e relevante – do ponto de vista da temática, da contribuição teórica ou, ainda, pela qualidade do conteúdo de suas análises – e, por que não, pela sedução de sua prosa.

A tese marca uma virada radical na produção de seu autor que, conforme o itinerário por ele explicitado no “Capítulo Zero”, iniciou um doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, visando produzir um estudo sobre “o contraste entre as estratégias de apropriação social do corpo feminino em Atenas e Esparta” (p.5), na linha dos estudos que já vinha desenvolvendo em sua carreira de dez

---

\* Professor do Departamento de História da UFF.

anos como professor de História Antiga na Universidade Federal Fluminense. O interesse pelo exercício do “trabalho de campo” etnográfico, com o qual tomava contato nos cursos do doutorado, casou-se com o insistente convite de um amigo/ex-aluno para acompanhar o trabalho voluntário de prevenção da AIDS junto a detentos do complexo penitenciário da Rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Uma visita à penitenciária, em maio de 1995, resultaria no abandono dos três capítulos já escritos da tese de História Antiga, trocada por um estudo de base etnográfica sobre os presos e a penitenciária.

No trabalho voluntário junto aos detentos, superou o medo preliminar (e os preconceitos que o originavam) para iniciar-se – caderneta de notas em punho – nas técnicas do trabalho de campo. Mas, “pato novo” na realidade de nosso sistema carcerário, suas atividades acabaram por gerar o bloqueio de seu trabalho (e acesso ao presídio), a partir do veto da chefia dos agentes carcerários – topo da estrutura interna de poder destas instituições penais. Sem presídio, sem tese. Guinadas radicais, porém, não permitem retorno e o motor da reviravolta acadêmica de Marcos Alvito fora a sedução, como ele mesmo a define, pelo “contato direto” com as fontes, propiciado pelo trabalho de campo. Contatos feitos no percurso do trabalho o levaram da Frei Caneca para Acari, outro espaço, outros temores, outras iniciações e uma nova paixão.

As paixões ou, em linguagem mais adequada ao nosso meio, as justificativas de interesse pessoal de um autor pelo seu objeto de pesquisa não são o bastante para a construção de um trabalho acadêmico sólido. Marcos Alvito sabia disto e pautou seu esforço de pesquisa por uma seriedade, revelada a todo instante no rigor da reconstituição etnográfica e no esforço para explicar o rico acervo simbólico encontrado na favela, a partir da observação direta e dos discursos coletados junto aos seus moradores. Mas também através do recurso pertinente aos clássicos do pensamento antropológico, em suas sugestões teórico-conceituais e ao vasto conjunto da literatura especializada, que, completamente dominada pelo autor, lhe permitiu estabelecer comparações e demarcar as especificidades de seu estudo.

O livro em si está dividido em oito partes, a primeira delas, já comentada, produz uma reconstituição da trajetória do autor em direção ao objeto de estudo. O primeiro e o último capítulos remetem a uma visão de conjunto da favela de Acari. De início, através de um passeio pelas ruas e pelas vielas da localidade, iluminado pela profusão de imagens carregadas de simbologia que “o antropólogo” buscou reproduzir fotograficamente. Trata-se de uma introdução ao complexo universo “acariano” (neologismo pertinentemente empregado pelo autor), que ganhará maior sentido explicativo no último capítulo.

Para analisar a complexidade social daquela favela, Alvito recorreu a uma abordagem espacialmente delimitada das relações de poder locais, no interior de Acari – na verdade uma rede de localidades, três favelas e um conjunto habitacional, cada uma composta por diferentes “microáreas” – e das relações entre os poderes locais e supralocais. Desta lógica analítica resultou a divisão formal do restante da exposição. O capítulo 2 esmiúça a dinâmica espacial de Acari, desvendando as relações de vizinhança, parentesco, gerações e período de ocupação que explicam tal dinâmica. Nos dois capítulos seguintes, destaca-se o principal poder supralocal a atuar em Acari: o Estado. A análise das incursões policiais na favela e da homologia entre polícia e

tráfico dominam o capítulo 3, enquanto a presença dos políticos na favela é tematizada no 4º capítulo. Neste último, políticos e políticas públicas aparecem em suas relações com as lideranças comunitárias de Acari, grupo de mediadores, avaliados nos fundamentos de sua representatividade/legitimidade.

Com gradações diferenciadas e complexas de inserção local e determinações supralocais, as igrejas e o tráfico de drogas são os temas centrais dos dois capítulos seguintes. Aspectos como o dos significados específicos das conversões no contexto “acariano” e as visões do mundo e dos acontecimentos terrenos, transpassadas pelo mágico/simbólico do universo dos “crentes”, são tratados no capítulo 5. As representações dos moradores sobre o tráfico e, especificamente, sobre seus “chefes” são abordadas no 6º capítulo. Parte-se de uma aproximação explicativa, cultivada pelo autor desde seus estudos sobre a antiguidade clássica e presente em outros pontos da tese, centrada na ideia de “sociedade da honra e da vergonha”, onde valores de hierarquia, reciprocidade e contato face a face são centrais.

Deste breve resumo é possível inferir uma pequena amostra da importância e da originalidade da contribuição de As cores de Acari para os estudos em seu campo. Há que se mencionar, ainda, a pertinência metodológica do estudo. No trabalho de campo Marcos Alvito – ou “o antropólogo” como aparece na narrativa – não mediu esforços, vivenciando, nos limites de seu papel, o conjunto das práticas e dos processos que descreveu, o que se há de convir não deve ter sido tarefa das mais simples. A esta vivência somou entrevistas, análise de fontes oficiais e da imprensa e um uso apropriado das imagens para construir sua argumentação. Já mencionamos o domínio demonstrado sobre os referenciais antropológicos clássicos e a bibliografia acadêmica específica.

Resulta daí que, no contexto de uma produção historiográfica como a atual – em muitos momentos preocupada em mostrar-se “antropológica”, sem, entretanto, demonstrar muita segurança no que entende por Antropologia, o livro é de grande interesse para os historiadores. Apresenta-se, então, um trabalho de antropólogo? Sim, mas em termos. Em diversos momentos do livro, como nas análises sobre as políticas públicas para as favelas no Rio de Janeiro ao longo do século, no esforço por reconstituir no tempo a ocupação de Acari, ou na abordagem das transformações da relação entre traficantes e demais moradores entre os anos 1950 e os dias atuais, o presente do trabalho de campo não basta para um pesquisador, cuja formação de historiador é também um grau distintivo. Por isto mesmo, As Cores de Acari pode ser útil a seus moradores, servindo de “bússola para nortear [a] caminhada para seja lá o que for um Acari melhor do que [a] favela é no momento”, como ressalta Deley de Acari, na orelha do livro. Mas será, certamente, útil também ao “povo do asfalto”, com seus temores e preconceitos em relação à favela, aos antropólogos profissionais e ao meio dos historiadores, de onde surgiu Marcos Alvito, “o antropólogo” impertinente.

Neste sentido, atrevo-me a reinterpretar a sedução pelo trabalho de campo, apresentada por Marcos Alvito como raiz de sua virada acadêmica, num sentido que sua própria obra me sugeriu. Tanto quanto a paixão pelo “contato direto com as fontes” (neste caso, pessoas de carne e osso), moveu o autor uma profunda indignação com a realidade social à sua volta. Uma indignação explicitada nas denúncias sobre a pusilanimidade do sistema carcerário brasileiro ou sobre a militarização do controle

social, levada ao extremo na gestão do Coronel Nilton Cerqueira na Secretaria de Segurança do governo estadual e em seu esforço por transformar em guerra o combate ao narcotráfico (tratando as favelas como campos de batalha). Militarização radicalizada na fracassada operação de ocupação das favelas pelas Forças Armadas, mas ainda invocada pelas posturas recentes da mídia e dos poderes públicos em relação ao tráfico de drogas. Já declarou recentemente uma alta patente norte-americana que a América Latina precisa não apenas de um “Plano Colômbia”, mas de um “Plano América”...

Indignação materializada também nos esforços do autor para levar a discussão sobre a favela a espaços e públicos mais amplos, que resultaram em seminários e livros por ele co-organizados (Cidadania e violência; Um século de favela) ou mesmo no engajamento direto em atividades e manifestações ligadas à defesa dos direitos de prisioneiros e moradores de favelas. A virada maior estaria, assim, não no deslocamento temporal da Antigüidade para o Brasil contemporâneo, nem tampouco no uso dos procedimentos etnográficos para sustentar a pesquisa. Sua dimensão mais importante residiria na explicitação de uma concepção de História e Antropologia como análises dos homens em sociedade, mas análises que contêm, sempre, um projeto social. Um compromisso com um projeto de futuro, Alvito enuncia nas entrelinhas, menos injusto, para os “meninos” de Acari e para os nossos filhos.